



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AO PRIMEIRO GRUPO DE BISPOS ESTADUNIDENSES  
DA PROVÍNCIA ECLESIAÍSTICA DE NOVA IORQUE  
EM VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"**

*27 de Fevereiro de 1998*

*Eminência*

*Estimados Irmãos Bispos*

1. No início desta série de visitas *ad Limina* dos Pastores da Igreja que está nos Estados Unidos, saúdo-vos cordialmente, componentes do primeiro grupo de Bispos – provenientes da Província Eclesiástica de Nova Iorque – e transmito calorosas saudações a todos os membros da Conferência Episcopal. Ao encontrar-me convosco, o meu primeiro pensamento é dar sinceras acções de graças a Deus pela comunidade católica presente no vosso país, enquanto procurais sujeitar-vos cada vez mais ao Senhor no amor e na fidelidade (cf. *Ef* 5, 24), progredindo no meio das provações deste mundo e das consolações de Deus, anunciando a cruz salvífica e a morte do Senhor até que Ele venha (cf. *1 Cor* 11, 26). Expresso o meu agradecimento de modo particular a vós e aos vossos Irmãos, pela amizade espiritual e pela comunhão na fé e no amor que nos une no serviço do Evangelho. Estou-vos grato por todos os modos de compartilhades as minhas preocupações pastorais pela Igreja universal. Durante todos os anos do meu Pontificado, tive inumeráveis oportunidades de experimentar o amor e a solidariedade, característicos dos católicos dos Estados Unidos, para com o Sucessor de São Pedro. Neste ano de preparação para o Grande Jubileu, consagrado ao Espírito Santo, rezo para que «o Senhor, Dador da vida», recompense a Igreja que está nos Estados Unidos com os Seus dons de fortaleza e consolação.

2. O Jubileu exorta-nos a recordar e celebrar as bênçãos que o Pai tem derramado sobre nós em Jesus Cristo, Senhor da História e «supremo Pastor» das nossas almas (cf. *1 Pd* 5, 4). Livres do pecado e purificados no sangue do Cordeiro, tornámo-nos verdadeiramente filhos de Deus, capazes de nos voltarmos para Ele com absoluta confiança: porque sabemos que Ele nos ama e jamais nos abandonará. Embora o nosso ministério nos recorde constantemente os

sofrimentos de inúmeros dos nossos irmãos em humanidade, de modo especial os pobres e aqueles que são perseguidos por causa da sua fé em Cristo, estamos persuadidos de que, na proximidade do Terceiro Milénio, Deus está a preparar uma grande primavera para o Cristianismo (cf. *Redemptoris missio*, 86).

Mediante a encarnação do Filho de Deus, a eternidade entrou no tempo. O próprio tempo se tornou a arena em que a história da salvação se desenvolve; assim, aniversários e jubileus são períodos de graça – «um dia abençoado pelo Senhor», «um ano do Senhor» (cf. *Tertio millennio adveniente*, 32). O Grande Jubileu do Ano 2000 será um tempo de bênçãos singulares para a Igreja e para o mundo, uma graça já preparada por aquele extraordinário evento dos últimos tempos, o Concílio Vaticano II, cujos frutos ainda estão a amadurecer em vista da sua plena integridade. Uma vez que os documentos do Concílio representam o fundamental ponto de referência para a compreensão que a Igreja tem de si mesma e da sua missão neste período da história, é oportuno que a nossa preparação para o Jubileu inclua uma séria meditação acerca do modo como nós, Bispos, recebemos e aperfeiçoamos o rico magistério elaborado pelos Padres do Concílio (cf. *Tertio millennio adveniente*, 36). Nos meus encontros deste ano com os Prelados dos Estados Unidos, proponho-me reflectir sobre determinados temas do Concílio, num esforço por discernir a melhor maneira de assegurarmos que tudo aquilo que Deus deseja para a Igreja se torne realidade.

3. Qual é o maior desafio que se nos apresenta, a nós Bispos da Igreja? Qual é a maior necessidade dos nossos contemporâneos? Os homens e as mulheres de hoje, assim como os de todos os tempos e lugares, aspiram à salvação. Desejam redescobrir a verdade do domínio de Deus sobre a criação e a história, encontrar a Sua auto-revelação e experimentar o Seu amor misericordioso em todas as dimensões da própria vida. A grande verdade a ser proclamada nesta e em todas as épocas é que Deus entrou na história humana a fim de que os homens e as mulheres deveras pudessem tornar-se filhos de Deus. A Constituição dogmática sobre a Revelação divina, *Dei Verbum*, recorda-nos de maneira clarividente que a verdade que proclamamos não é uma sabedoria humana, mas depende completamente da auto-revelação de Deus: «Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade (cf. *Ef 1, 9*), por meio do qual os homens, através de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e n'Ele se tornam participantes da natureza divina» (*op. cit.*, 2). Este é o cerne da mensagem cristã e a verdade essencial que os Bispos devem anunciar «oportuna e inoportunamente» (2 *Tm 4, 2*).

Na Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente*, apresentei o seguinte interrogativo: «Em que medida a Palavra de Deus se tornou mais plenamente alma da teologia e inspiradora de toda a existência cristã, como pedia a "*Dei Verbum*"?» (n. 36). A fidelidade à palavra revelada exige de cada um, mas de maneira especial dos Bispos, uma atitude de receptividade atenta e sincera. Requer que nos deixemos renovar e transformar mediante o nosso encontro com a sua palavra viva. Então, seremos capazes de ajudar os fiéis a compreender que a Sagrada Escritura é uma dádiva que recebemos no seio da Igreja. Não se trata meramente de um «texto» a ser analisado; é sobretudo um convite à comunhão com o Senhor. Deve ser lido e recebido num espírito de abertura a este convite. Isto não implica uma abordagem acrítica da Escritura, mas admoesta contra leituras informadas segundo um racionalismo estéril ou por pressões culturais que comprometem a verdade bíblica. Tais abordagens são insensíveis ao chamamento de Deus e desvirtuam o texto sagrado do seu poder de salvação (cf. *Rm 1, 16*). São Paulo dá graças a Deus pelas pessoas que aceitaram a Escritura por aquilo que ela realmente é: palavra de Deus em acção no seio da comunidade dos crentes (cf. 1 *Ts 4, 13*).

Há que prestar homenagem aos inúmeros e excelentes exegetas e teólogos católicos nos Estados Unidos, que se prodigalizam indefessamente para ajudar o povo cristão a compreender de modo mais claro a palavra de Deus presente na Escritura, «a fim de que possa aceitá-la melhor em vista de viver em plena comunhão com Deus» (*Discurso sobre a Interpretação da Bíblia na Igreja*, 23 de Abril de 1993, n. 9). Este importante trabalho só dará o fruto a que o Concílio almejava se for sustentado por uma vigorosa vida espiritual no interior da comunidade dos crentes. Só o amor «que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia» (1 *Tm* 1, 5) nos torna capazes de compreender a linguagem de Deus, que é Amor (cf. *Jo* 4, 8).

4. Se quisermos que a nova evangelização seja eficaz, a nossa catequese deve transmitir a verdade integral do Evangelho, pois a plenitude da verdade é a fonte mesma da nossa capacidade de ensinar com autoridade: uma autoridade que os fiéis reconhecem com facilidade quando abordamos o que é essencial e comunicamos aquilo que recebemos (cf. 1 *Cor* 15, 3). O nosso múnus magisterial «não está acima da palavra de Deus, mas serve-a, ensinando somente o que foi transmitido enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente (*pie audit*), a guarda santamente (*sancte custodit*) e a expõe com fidelidade (*fideliter exponit*)» (*Dei verbum*, 10).

Através do ministério da pregação e do ensinamento, toda a comunidade dos fiéis deve considerar e amar a Escritura e a Tradição que, juntas, nos levam a compreender a presença salvífica de Deus na história e a mostrar o caminho para a comunhão de vida com Ele. Deste modo, a Igreja inteira entrará mais plenamente no mistério da salvação e reconhecerá que a história humana é o lugar do encontro entre Deus e o homem, o lugar em que se oferece, recebe e constrói a comunhão com Deus.

5. A mensagem evangélica é sempre a mesma, embora a proclamemos no contexto de uma cultura que passa por constantes transformações. Precisamos de reflectir sobre a dinâmica da cultura contemporânea a fim de discernirmos os sinais dos tempos que influenciam a proclamação da mensagem salvífica de Cristo. Por outro lado, em toda a parte vemos a aspiração das pessoas à liberdade e à felicidade, e isto fala-nos de uma profunda fome espiritual. As pessoas procuram satisfazer esta fome de muitas maneiras; todavia, o insucesso de muitas soluções propostas, quer elas sejam filosofias, ideologias ou modas, tem levado a uma grande inquietude, quando não a uma corrente de desespero no interior da cultura contemporânea. A nossa época é com frequência definida como um tempo de incerteza; esta incerteza, elevada a princípio mediante o qual se nega que o homem possa conhecer a verdade das coisas, influencia a vida moral, a vida de oração e a rectidão teológica da fé das pessoas (cf. *Tertio millennio adveniente*, 36).

Por outro lado, muitas pessoas estão cada vez mais conscientes de que, para se construir uma sociedade livre, justa e próspera e assim criar as condições para satisfazer as mais profundas e nobres aspirações do espírito humano, a cultura mediante a qual elas interagem e se comunicam deve corresponder a determinadas verdades básicas acerca da pessoa humana. A minha última visita ao vosso país realizou-se em 1995, durante a celebração do 50º aniversário da Organização das Nações Unidas. Na Assembleia Geral, expressei a convicção de que o progresso da busca humana da liberdade constitui uma das maiores dinâmicas da história moderna em todas as partes do mundo. Tal dinâmica manifesta-se claramente nos povos do mundo que reivindicam uma maior participação na determinação das opções políticas e económicas que lhes concernem (cf. *Discurso à 50ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas*, 5 de Outubro de 1995, n. 2). Não testemunhamos porventura, no decurso da história, o progresso gradual de certas verdades evangélicas: a dignidade da pessoa humana, o maior respeito pelos direitos humanos, o devido

reconhecimento da igual dignidade das mulheres e a rejeição da violência como instrumento para resolver conflitos?

6. Contudo, a afirmação de determinados valores morais não é ainda a proclamação de Jesus Cristo, o único Medianeiro entre Deus e os homens (cf. 1 *Tm* 2, 5). A nossa época tem necessidade de escutar a verdade revelada acerca de Deus, do homem e da condição humana. Chegou a hora do querigma. O desafio pastoral do Grande Jubileu consiste em proclamar com renovado vigor «Jesus Cristo, o único Salvador do mundo, ontem, hoje e sempre» (cf. *Hb* 13, 8). A comunidade católica nos Estados Unidos é chamada a fazê-lo numa atmosfera cultural, cujos elementos mais poderosos duvidam da existência de uma verdade objectiva e absoluta, rejeitando a própria ideia do ensinamento autorizado. O desafio do cepticismo radical pode levar a concluir que a Igreja está à margem da vida contemporânea. Aceitar esta consideração, por sua vez, pode conduzir à noção de que o Catolicismo e, de facto, o Cristianismo em geral, são simplesmente uma das inumeráveis formas da genérica realidade humana denominada «religião».

Esta não é a mensagem do Concílio Vaticano II, que com coragem proclamou a centralidade de Jesus Cristo para a história humana e a missão essencial da Igreja, que consiste em anunciar o Evangelho a todas as nações: porque «debaixo do céu não existe outro nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos» (*Act* 4, 12). A Igreja é enviada ao mundo com uma proposta: e a proposta evangélica que apresentamos é que, mediante o Evangelho, o mundo possa compreender a própria história e as suas aspirações de modo mais adequado e mais verídico. Se esta é a verdade que proclamamos, então a Igreja jamais está à margem, mesmo quando parece frágil aos olhos do mundo. Diante de uma modernidade que perdeu a capacidade de realizar a nobre aspiração que se propôs – a completa libertação do homem, de cada homem e de cada mulher – a Igreja continua a ser uma testemunha do pleno significado da liberdade humana. Abre-se uma nova fase na história da liberdade e nestas circunstâncias é necessário que a Igreja, especialmente através dos seus Pastores, ensine e evidencie que «as capacidades libertadoras da ciência, da técnica, do trabalho, da economia e da acção política só darão frutos se encontrarem a sua inspiração e medida na verdade e no amor mais fortes do que o sofrimento, revelados aos homens por Jesus Cristo» (*Documento da Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*, 22 de Março de 1986, n. 24).

O desafio é enorme mas o tempo é oportuno, dado que outras forças culturais – exaustas, improváveis ou isentas de recursos intelectuais adequados – não satisfazem a aspiração humana à libertação genuína, embora ainda consigam exercer uma atracção poderosa, especialmente através dos meios de comunicação. A grande realização do Concílio consiste no facto de ter tornado a Igreja capaz de comprometer a modernidade na verdade acerca da condição humana que nos foi transmitida em Jesus Cristo, Aquele que é a resposta ao interrogativo representado pela vida humana. A tarefa do Bispo não é senão esta: ser uma testemunha convincente e um mestre corajoso da verdade que liberta o homem (cf. *Jo* 8, 42).

7. Prezados Irmãos Bispos, na última Ceia, Jesus desafiou e encorajou os seus discípulos: «Se alguém Me ama, guarda a Minha palavra e Meu Pai o amará. Eu e Meu Pai viremos e faremos nele a Nossa morada» (Jo 14, 23). Sabemos que o Espírito habita no meio da Igreja e conduz os fiéis a uma compreensão cada vez mais profunda da palavra de Deus, porque Cristo disse aos Seus discípulos que o Espírito «vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que Eu vos disse» (Jo 14, 26). O Espírito vos assista sempre no cumprimento da tarefa que o Concílio confiou sobretudo aos Pastores da Igreja: comunicar a verdade e a graça de Cristo aos homens e às mulheres do mundo contemporâneo (cf. *Ad gentes*, 2; cf. também *Redemptoris missio*, 1). Confio à intercessão de Maria, Mãe da Igreja e Padroeira dos Estados Unidos, as alegrias e as dificuldades do vosso ministério, bem como as necessidades e as esperanças das vossas Igrejas locais e de toda a comunidade católica presente no vosso país. Concedo cordialmente a minha Bênção apostólica a cada um de vós e a todos os sacerdotes, religiosos e leigos das vossas Dioceses.